

Fernanda

Os olhos de Fernanda se encontram com eles mesmos no espelho do teto. Enquanto sente a distante ardência que lhe toma a virilha, se questiona se aqueles olhos são seus ou outros. Aqueles olhos são os mais belos olhos já vistos por ela. Talvez por isso duvide que sejam seus. Aquele momento, como tantos outros, mostra-se exatamente o contrário daquilo que lhe haviam dito. Aos poucos volta a ouvir os sons do lugar. O estampido oco da pele de outro batendo contra a sua. A fricção retorcida dos lençóis se enrolando. O grito sufocado na voz do rapaz. Nada ali é como lhe haviam dito. Nunca foi. Essa seria a última tentativa.

Ela lembra de seu primeiro namorado no colegial, de como sua mãe lhe dizia que ela era muito nova para estar se relacionando com qualquer um. Lembra das amigas chamando-a de puta depois que ela largou o primeiro e foi para o segundo e para o terceiro... Lembra da diretora de sua escola chamando-a para falar sobre como ela se vestia e sobre as marcas de corte em seus pulsos. Lembra de como aquilo machucava e dos cortes que fez para aliviar a dor. Lembra de tudo isso e também lembra que nesse momento eles estavam longe. Só ela estava ali, só ela existia naquele momento.

O rapaz se arrastando para perto dela, beija-lhe a face docemente enquanto ela ainda se encara, ou encara a outra? Sentindo os dedos quentes do rapaz correrem por suas pequenas orelhas, Fernanda se vira e olha fundo nos olhos dele. As pupilas estão dilatadas e umedecidas. Tão cheias de vida que ela é obrigada a sorrir em respeito. O rapaz sorri de volta. Se havia um momento para algo despertar dentro dela, era esse. Suas pequenas mãos tocam o rosto do rapaz, fazendo aquele olhar se perpetuar pelo máximo de tempo. Nada. Nem uma fagulha, nem um calor intenso, nada.

Ela lembra de como lhe falaram para sempre cruzar as pernas, de como deveria alisar os cabelos e de outras coisas que todas as meninas deveriam fazer. Lembra que isso nunca fez sentido para ela no colegial e agora muito menos. Lembra dos momentos de solidão em que se encontrava em frente ao espelho do seu quarto. Lembra de como desejava e apenas desejava. Lembra de falarem que era proibido, que era preciso amor.

Fernanda se levanta e vai ao banheiro. Os pequenos kits de higiene dispostos sobre a pia a fazem sorrir. Os lençóis trocados a cada visita, as banheiras limpas com material hospitalar. Tudo grita: "Aqui, você irá lidar apenas com a sua sujeira!". Dentro do chuveiro, ela sente a água quente escorrendo pelo seu corpo e um leve cansaço começa a tomar conta. É recompensador. Ela se sente linda e qualquer um que a olhasse nesse segundo seria tomado por um vislumbre que vai além do erótico ou do pornográfico. Fernanda sabe disso. Fernanda sempre soube.

Ela lembra das tardes que passava na biblioteca da escola. Lembra de Capitu, de Léonie e Pombinha, Aurélia Camargo e Iracema. Mas, mais do que todas as outras, lembra de Macabeia. Lembra de não aceitar Macabeia e de preferir morrer a ser Macabeia.

Seu banho dura pouco mais de dez minutos. Quando sai do box, o rapaz já está vestido e sentado na cama redonda. Ela começa a pegar as roupas no chão, ainda observando seu corpo pelos espelhos. Sen-

ta-se no lado oposto da cama e começa a se vestir.

Existe um mar de tecido emaranhado entre ela e o rapaz. Cada movimento seu é admirado por ele. Segundos se passam enquanto Fernanda se troca, mas para o rapaz e as outras dela mesma que a assistem, cada peça se encaixa ao seu corpo em uma sucessão de fotografias. Quando fica pronta, Fernanda pede ao rapaz que lhe deixe em casa. Ele leva um tempo para se recompor da visão que estampará sua mente em muitos momentos de solidão e dá uma afirmativa enfática.

Ela lembra de falar para a mãe que queria fazer Letras. Lembra de dizer que a faculdade era longe, mas que havia bolsas. Lembra de a mãe rir e chamá-la de vagabunda. Lembra do desespero que sentiu. Lembra de seus livros e lembra de Macabeia. Lembra que deveria dar um passo além. Lembra que não mais se cortou.

Com tudo pago, eles seguem pela rodovia. Fernanda pede para que o rapaz não tenha tanta pressa. Ele só pensa na aula que terá amanhã, mas acata o pedido. Ela quer observar as luzes amarelas que brilham no alto dos postes. Com as pernas cruzadas em frente ao pequeno e curvilíneo corpo, ela coloca a mão direita para fora da janela e sente o vento abafado da noite correndo contra seus dedos. Tudo ali causa um pequeno arrepio em Fernanda. O céu, o asfalto, o vento, a noite. A distância entre ela e o rapaz cresce, mas o sorriso estampado na cara dela ainda dá alguma esperança para ele. Já ela, está sozinha.

Agora, em frente ao seu prédio, Fernanda se dá conta de como o tempo passou rápido. Ela estava tão longe. O rapaz pede que ela ligue. Diz que gostou muito de conhecê-la e que gostaria de vê-la novamente. Fernanda responde que foi tudo ótimo, mas que acha melhor deixarem as coisas como estão. Ela estala um beijo em sua bochecha e sai do carro.

Ela lembra de ir para as primeiras fileiras e de como estudou. Lembra de ter passado onde queria e de ter conseguido a bolsa que precisava para se manter. Lembra de mostrar o que havia conseguido para a mãe desinteressada. Lembra da felicidade que sentiu ao fazer suas malas e ir embora. Lembra de conseguir um apartamento decente e barato perto da faculdade. Lembra de como amou a vista da janela de seu apartamento do segundo andar. Lembra de que essa era a sua vida e lembra de Macabeia. Já coberta, na segurança da própria cama, Fernanda se lembra com pesar do descaso da mãe, da diretora e das amigas e uma lágrima quente escorre pelo seu rosto. Ela sente a pequena pérola de mágoa alcançar a sua orelha e sorri aliviada, sabendo que não era Macabeia e que tudo ficaria bem.

João Batista Paula Neto

São Carlos – SP